



Anderson Rorigues/Divulgação

Antes de se tornar confeitadora profissional, moradora de Ceilândia foi babá, empregada doméstica, garçõete, secretária... Com muita determinação e trabalho árduo, acaba de abrir a segunda loja, desta vez, em Águas Claras

Paula Larissa Rodrigues Leal cresceu rodeada de formas de bolo, bicos de confeitador e forradas de salgadinhos. A avó dela, servidora terceirizada na área de limpeza de um hospital, viu-se, de uma hora para outra obrigada a largar o emprego para cuidar da madrinha, que ficou muito doente e não tinha filhos. Como precisava se sustentar, dona Tita não encontrou outra saída a não ser preparar bolos, docinhos e salgadinhos, sob encomenda, em casa, já que não podia sair e deixar a madrinha sozinha. “No início, ela nem gostava, mas acabou não só se acostumando como gostando.”

E dona Tita tinha uma pequena ajudante sempre a postos. Ainda criança, Paula lavava panelas, abria forminhas, enrolava docinhos e, claro, observava atentamente os preparos da avó. Quando tinha uns 13 anos, a garota decidiu fazer trufas, pirulitos de waffle e outras delícias para vender na escola e, assim, ganhar um dinheirinho. O negócio deu supercerto. “Chegava a vender 60, 70 unidades por dia”, lembra. Tudo preparado por ela.

Veio o ensino médio e a adolescente ficou com vergonha de seguir com as vendas no ambiente escolar. “Coisa de adolescente boba”, admite. O tempo passou e Paula se virou como pôde para garantir o próprio sustento. Trabalhou como empregada doméstica, babá, garçõete, copeira, secretária... Nunca correu de um serviço.

Noiva, decidiu voltar a fazer doces e, assim, juntar dinheiro para o casamento. Mais madura, percebeu que aquele poderia se tornar, sim, um negócio rentável. Quando descobriu que estava grávida,

DOCE GUERREIRA

